

ALFAGUARA

Michel Houellebecq

As partículas elementares

Tradução de Miguel Serras Pereira



NOTA DO TRADUTOR

É deliberadamente que a presente tradução mantém — mutatis mutandis, na transposição para português — a marca estilística da pontuação peculiar e parcimoniosa, que o autor, muitas vezes ao arrepio dos usos mais canônicos, imprimiu ao seu texto.

Índice

<i>Prólogo</i>	11
Primeira Parte	
O REINO PERDIDO	15
1.	17
2.	22
3.	28
4.	32
5.	41
6.	43
7.	49
8. O animal ómega	55
9.	61
10. É tudo culpa de Caroline Yessayan	64
11.	71
12. Regime <i>standard</i>	84
13.	93
14. O Verão de 75	98
15.	106
Segunda Parte	
OS MOMENTOS ESTRANHOS	115
1.	117
2. Treze horas de voo	123

3.	129
4.	144
5.	155
6.	165
7. Conversa de caravana	170
8.	175
9.	183
10. Julian e Aldous	189
11.	198
12.	208
13.	218
14.	228
15. A hipótese Macmillan	244
16. Para uma estética da boa vontade	258
17.	271
18. Reencontro	277
19.	287
20.	290
21.	295
22. Saorge — Terminus	304

Terceira Parte

ILIMITADO EMOCIONAL	321
1.	323
2.	332
3.	338
4.	347
5.	350
6.	355
7.	359

<i>Epílogo</i>	371
----------------	-----

Prólogo

Este livro é antes de mais a história de um homem, que viveu a maior parte da sua vida na Europa Ocidental, durante a segunda metade do século xx. De modo geral solitário, manteve todavia, de longe em longe, relações com outros homens. Viveu em tempos infelizes e conturbados. O país que o fizera nascer resvalava lenta, mas inelutavelmente, para a zona dos países de média pobreza; frequentemente rondados pela miséria, os homens da sua geração passaram de resto as suas vidas na solidão e na amargura. Os sentimentos de amor, de ternura e de fraternidade humana tinham em grande medida desaparecido; nas suas relações mútuas os seus contemporâneos davam frequentemente mostras de indiferença, ou até mesmo de crueldade.

No momento do seu desaparecimento, Michel Djerzinski era unanimemente considerado um biólogo de primeiro plano sob todos os aspectos, e pensava-se seriamente no seu nome para o Prémio Nobel; a sua verdadeira importância só se revelaria um pouco mais tarde.

Na época em que Djerzinski viveu, considerava-se o mais das vezes a filosofia como desprovida de toda a importância prática, ou até mesmo de objecto. Na realidade, a visão do mundo mais correntemente adoptada, num dado

momento, pelos membros de uma sociedade determina a sua economia, a sua política e os seus costumes.

As mutações metafísicas — quer dizer, as transformações radicais e globais da visão do mundo adoptada pela maioria — são raras na história da humanidade. Podemos citar, por exemplo, o aparecimento do cristianismo.

Logo que se produz, uma mutação metafísica desenvolve-se sem encontrar resistência até às suas consequências últimas. Varre do seu caminho sem lhes prestar sequer atenção os sistemas económicos e políticos, os juízos estéticos, as hierarquias sociais. Nenhuma força humana pode interromper a sua marcha — nenhuma outra força, excepto o aparecimento de uma nova mutação metafísica.

Não podemos especialmente dizer que as mutações metafísicas invistam contra as sociedades enfraquecidas, já em declínio. Quando o cristianismo apareceu, o Império Romano estava no auge do seu poderio; supremamente organizado, dominava o universo conhecido; a sua superioridade técnica e militar era sem exemplo; dito isto, não tinha qualquer possibilidade de se manter. Quando apareceu a ciência moderna, o cristianismo medieval constituía um sistema completo de compreensão do homem e do universo; servia de base ao governo dos povos, produzia conhecimentos e obras, decidia da paz como da guerra, organizava a produção e a repartição das riquezas; nada disso o impediria de se desmoronar.

Michel Djerzinski não foi o primeiro, nem o principal artífice desta terceira mutação metafísica, sob muitos aspectos a mais radical, que abriria um período novo na história do mundo; mas graças a certas circunstâncias, extremamente particulares, da sua vida, foi um dos seus artífices mais conscientes, mais lúcidos.

*Vivemos hoje sob um reinado inteiramente novo,
E o entrelaçado das circunstâncias envolve os nossos
corpos,
Banha os nossos corpos,
Num halo de alegria,
O que os homens de outrora algumas vezes
pressentiram através da sua música
É a nossa realização de cada dia na realidade prática.
O que era para eles do domínio do inacessível e do
absoluto
É alguma coisa que consideramos muito simples e bem
conhecida.
No entanto, não desprezamos esses homens;
Sabemos o que devemos aos seus sonhos,
Sabemos que nada seríamos sem o entrelaçado de dor
e de alegria que constituiu a sua história,
Sabemos que eles transportavam dentro de si a nossa
imagem enquanto atravessavam o ódio e o medo,
enquanto se atropelavam no escuro,
Enquanto escreviam, pouco a pouco, a sua história.*

*Sabemos que não teriam sido, que não teriam sequer
podido ser se não houvesse, no fundo deles, essa
esperança,*

Não teriam sequer podido existir sem o seu sonho.

Agora que vivemos na luz,

Agora que vivemos na proximidade imediata da luz

E que a luz banha os nossos corpos,

Envolve os nossos corpos,

Num halo de alegria,

*Agora que nos estabelecemos na proximidade imediata
do rio,*

Em tardes inesgotáveis

*Agora que a luz em redor dos nossos corpos se tornou
palpável,*

Agora que alcançámos o ponto de destino

*E que deixámos para trás de nós o universo
da separação,*

O universo mental da separação,

Para nos banharmos na alegria imóvel e fecunda

De uma nova lei,

Hoje,

Pela primeira vez,

Podemos retraçar o fim do antigo reinado.

Primeira Parte

O REINO PERDIDO

O dia 1 Julho de 1998 caía numa quarta-feira. Foi portanto logicamente, embora de modo fora do habitual, que Djerzinski organizou o seu beberete de despedida num fim de tarde de terça-feira. Entre as tinas de congelação de embriões e um pouco esmagado pela sua massa, um frigorífico de marca *Brandt* acolheu as garrafas de champagne; normalmente destinava-se à conservação dos produtos químicos usuais.

Quatro garrafas para quinze, era um pouco à justa. Tudo o mais o era, também: as motivações que os reuniam eram superficiais; uma palavra desastrada, um olhar de través, e o grupo corria o risco de se dispersar, precipitando-se cada qual para o seu carro. Estavam numa sala climatizada da cave, ladrilhada de branco, enfeitada com um *poster* de lagos alemães. Ninguém propusera que se tirassem fotografias. Um jovem investigador chegado no princípio do ano, um barbudo com ar de estúpido, eclipsou-se ao fim de alguns minutos pretextando problemas de estacionamento. Difundiou-se entre os convivas um mal-estar cada vez mais perceptível; as férias estavam para breve. Alguns partiam para uma casa de família, outros praticavam ecoturismo. As palavras que trocavam uns com

os outros estalavam devagar na atmosfera. Separaram-se rapidamente.

Às sete e meia da tarde, tudo terminara. Djerzinski atravessou o parque de estacionamento na companhia de uma colega de longos cabelos negros, com a pele muito branca, os seios volumosos. Era um pouco mais velha do que ele; provavelmente, suceder-lhe-ia à frente da unidade de investigação. A maior parte das suas publicações tratava do gene *DAF3* da drosófila; era celibatária.

Diante do seu *Toyota*, ele estendeu a mão à investigadora sorrindo (havia alguns segundos já que previa fazer esse gesto, acompanhá-lo de um sorriso, preparando-se mentalmente para tanto). As palmas das mãos de ambos sacudiram-se ligeiramente e desprenderam-se. Ele pensou tarde demais que o aperto de mão fora pouco caloroso; tendo em conta as circunstâncias, poderiam ter-se beijado como fazem os ministros ou certos cantores de variedades.

Consumado o adeus, ficou dentro do automóvel durante cinco minutos que lhe pareceram muito compridos. Porque seria que a mulher não arrancava? Estaria a masturbar-se enquanto ouvia Brahms? Estaria a pensar, pelo contrário, na sua carreira, nas suas novas responsabilidades, e em caso afirmativo regozijar-se-ia com isso? Finalmente, o *Golf* da geneticista saiu do estacionamento; ele estava de novo só. Fizera durante o dia um tempo magnífico, e estava ainda calor. Nestas semanas do princípio do Verão, tudo parecia inteiriçar-se numa imobilidade radiosa; todavia, e Djerzinski tinha consciência do facto, os dias tinham começado já a minguar.

Trabalhara num meio privilegiado, reflectiu ao arrancar por seu turno. À pergunta: «Considera que, vivendo

em Palaiseau, beneficia de um meio privilegiado?», 63 por cento dos habitantes respondiam: «Sim.» Era compreensível; os prédios eram baixos, entrecortados por relvados. Vários hipermercados permitiam um abastecimento fácil; a noção de *qualidade de vida* quase não parecia excessiva, reportada a Palaiseau.

Em direcção a Paris, a auto-estrada do Sul estava deserta. Ele tinha a impressão de estar num filme de ficção científica neozelandês, que vira durante os seus anos de estudante: o último homem na Terra, depois de toda a vida ter desaparecido. Havia qualquer coisa na atmosfera que evocava um apocalipse seco.

Djerzinski vivia na Rue Frémicourt havia cerca de dez anos; habituara-se a ela, o bairro era calmo. Em 1993, experimentara a necessidade de uma companhia; de alguma coisa que o acolhesse ao voltar para casa no fim do dia. A sua escolha incidira num canário branco, um animal assustadiço. Cantava, sobretudo de manhã; contudo, não parecia alegre; mas poderá um canário ser alegre? A alegria é uma emoção intensa e profunda, um sentimento de plenitude exaltante experimentado pela totalidade da consciência; podemos aproximá-la da embriaguez, do arrebatamento, do êxtase. Uma vez, tirara o pássaro da gaiola. Aterrorizado, aquele cagara em cima do sofá antes de se precipitar sobre as grades da gaiola à procura da porta de entrada. Passado um mês, renovou a tentativa. Dessa feita, o pobre animal caíra pela janela; amortecendo a queda o melhor que podia, o pássaro conseguiu poisar numa varanda do prédio fronteiro, cinco pisos mais abaixo. Michel tivera de aguardar o regresso da moradora, esperando ardentemente que ela não tivesse um gato. Verificou-se que a rapariga era uma redactora

da *20 Ans*; vivia sozinha e voltava tarde para casa. Não tinha gato.

Caíra a noite; Michel recuperou o pequeno animal, que tremia de frio e de medo, encolhido contra a parede de betão. Em várias ocasiões mais, geralmente quando descia com os seus sacos de lixo, tornou a cruzar-se com a redactora. Ela meneava a cabeça, provavelmente em sinal de reconhecimento; ele meneava-a também, por seu turno. Afinal de contas, o incidente permitira-lhe estabelecer uma relação de vizinhança; tivera isso de bom.

Das suas janelas podia contar-se uma dezena de prédios, ou seja, cerca de trezentos apartamentos. Em geral, quando voltava para casa ao fim do dia, o canário começava a assobiar e a chilrear, o que durava entre cinco e dez minutos; depois ele mudava-lhe a alpista, o granulado do chão e a água. No entanto, nessa noite, acolheu-o o silêncio. Aproximou-se da gaiola: o pássaro estava morto. O seu pequeno corpo branco, já frio, jazia de través no chão granulado.

Jantou uma embalagem de robalo com cerefólio *Monoprix Gourmet*, que acompanhou com um *Valdepeñas* medíocre. Após um momento de hesitação, pôs o cadáver do pássaro dentro de um saco de plástico, que lastrou com uma garrafa de cerveja, deitou tudo na conduta do lixo. Que mais podia fazer? Dizer uma missa?

Nunca soubera onde desembocava aquela conduta do lixo de abertura exígua (embora suficiente para receber o corpo de um canário). Mas sonhou com caixotes de lixo gigantescos, cheios de filtros de café, de raviólis cobertos de molho e de órgãos sexuais cortados. Vermes gigantes, do tamanho do pássaro, armados de bicos, atacavam o cadáver daquele. Arrancavam-lhe as patas, retalhavam-lhe

os intestinos, rebentavam-lhe os globos oculares. Soergueu-se a tremer a meio da noite; ainda era só uma e meia. Engoliu três *Xanax*. Foi assim que terminou a sua primeira noite de liberdade.

A 14 de Dezembro de 1900, numa comunicação apresentada na Academia de Berlim sob o título «Zur Theorie des Gesetze der Energieverteilung in Normalspektrum», Max Planck introduziu pela primeira vez a noção de *quantum* de energia, que viria a desempenhar um papel decisivo na evolução posterior da Física. Entre 1900 e 1920, sob o impulso principalmente de Einstein e de Bohr, modelizações mais ou menos engenhosas tentaram adaptar o novo conceito ao quadro das teorias anteriores; não foi senão a partir do começo dos anos 20 que esse quadro se mostraria irremediavelmente condenado.

Se Niels Bohr é considerado o verdadeiro fundador da mecânica quântica, tal não se deve simplesmente às suas descobertas pessoais, mas sobretudo à extraordinária atmosfera de criatividade, de efervescência intelectual, de liberdade de espírito e de amizade que ele soube criar à sua volta. O Instituto de Física de Copenhaga, fundado por Bohr em 1919, reunia jovens investigadores. Heisenberg, Pauli, Born nele fizeram a sua aprendizagem. Um pouco mais velho, Bohr era capaz de consagrar horas a discutir o pormenor das suas hipóteses, com uma mescla única de perspicácia filosófica, de benevolência e de rigor. Preciso,

ou até mesmo maníaco, não tolerava a mais pequena inexactidão ao interpretar as experiências; mas não havia, também, ideia nova que lhe parecesse *a priori* louca, nem conceito clássico intangível. Gostava de convidar os seus discípulos a reunirem-se-lhe na sua casa de campo de Tisvilde; aí recebia também cientistas de outras disciplinas, homens políticos, artistas; as conversas passavam livremente da física à filosofia, da história à arte, da religião à vida quotidiana. Nada de comparável se produzira desde os primeiros tempos da filosofia grega. Foi neste contexto excepcional que se elaboraram, entre 1925 e 1927, os termos essenciais da interpretação de Copenhaga, que invalidava em larga medida as categorias anteriores do espaço, da causalidade e do tempo.

Djerzinski de maneira nenhuma chegara a recriar à sua volta um tal fenómeno. A atmosfera no interior da unidade de investigação que dirigia era, nem mais nem menos, uma atmosfera de gabinete. Longe de serem os Rimbauds do microscópio que um público sentimental gosta de imaginar, os investigadores em biologia molecular são o mais das vezes técnicos honestos, sem génio, que lêem *Le Nouvel Observateur* e sonham partir de férias para a Gronelândia. A investigação em biologia molecular não necessita de criatividade alguma, de invenção alguma; é de facto uma actividade quase completamente rotineira, que não exige mais do que razoáveis aptidões intelectuais de segunda ordem. As pessoas fazem doutoramentos, defendem teses, quando o segundo nível do preparatório superior seria amplamente suficiente para a manipulação dos aparelhos. «Para se ter a ideia do código genético», gostava de dizer Desplechin, director do Departamento de Biologia do CNRS, «para se descobrir o princípio da síntese

das proteínas, para isso, sim, era preciso suar um bocado. Aliás, queiram notar que foi Gamow, um físico, o primeiro a abordar a questão. Mas a descodificação do ADN, *pfiff*... Descodifica-se e continua a descodificar-se. Faz-se uma molécula, e outra a seguir. Introduzem-se os dados no computador, e o computador calcula as subsequências. Mandamos um faxe para o Colorado: eles fazem o gene B27, nós fazemos o C33. Simples cozinha. De vez em quando há um progresso insignificante em matéria de aparelhagem; é geralmente quanto basta para o Nobel. Uma *bricolage*; uma brincadeira.»

A tarde do primeiro dia de Julho estava de um calor opressivo; era uma dessas tardes que terminam mal, em que a trovoadas acaba por rebentar, dispersando os corpos desnudados. O gabinete de Desplechin dava sobre o Quai Anatole-France. Do outro lado do Sena, no Quai des Tuileries, homossexuais circulavam ao sol, discutiam aos pares ou em pequenos grupos, partilhavam as suas toalhas. Quase todos vestiam *strings*. Os seus músculos humedecidos pelo óleo solar brilhavam à luz, e as suas nádegas eram luzidias e arredondadas. Enquanto conversavam, alguns deles massajavam os seus órgãos sexuais por cima do *nylon* do *string*, ou introduziam um dedo por baixo dele, descobrindo os pêlos púbicos, a raiz do falo. Junto às aberturas envidraçadas das janelas, Desplechin instalara um óculo de observação. Era homossexual ele próprio, segundo se dizia; na realidade, havia alguns anos, era sobretudo um alcoólico mundano. Numa tarde comparável com a de agora, tentara por duas vezes masturbar-se, com o olho colado ao óculo, fixando com perseverança um adolescente que deixara deslizar o seu *string* e cuja pila encetava uma comovente

ascensão na atmosfera. O seu próprio sexo caíra, flácido e engelhado, seco, e ele não insistira.

Djrzinski chegou às quatro da tarde em ponto. Desplechin queria falar com ele. O seu caso intrigava-o. Era decerto normal que um investigador tirasse um ano sabático para ir trabalhar com uma outra equipa na Noruega, no Japão, enfim num desses países sinistros onde os quadragenários se suicidam em massa. Outros — caso que ocorreria com frequência durante os «anos Mitterrand», anos nos quais a voracidade financeira atingira proporções inauditas — procuravam capital de risco e fundavam uma sociedade dedicada a comercializar esta ou aquela molécula; alguns tinham, de resto, construído em pouco tempo confortáveis fortunas, rentabilizando com baixeza os conhecimentos adquiridos durante os seus anos de investigação desinteressada. Mas a disponibilidade de Djrzinski, sem projecto, sem objectivo, sem o mais pequeno indício de justificação, afigurava-se incompreensível. Aos quarenta anos era director de projectos, tinha quinze investigadores a trabalhar sob as suas ordens; ele próprio não dependia — em termos puramente teóricos — senão de Desplechin. A sua equipa obtinha excelentes resultados, era considerada uma das melhores equipas europeias. Em suma, qual era o problema? Desplechin forçou o dinamismo na sua voz: «Tem projectos?» Houve um silêncio de trinta segundos, e Djrzinski proferiu depois: «Reflectir.» A conversa começava mal. Forçando-se à afabilidade, Desplechin reinquiriu: «No plano pessoal?» Fixando o rosto sério, cujas feições afeidadas e os olhos tristes o encaravam, sentiu-se subitamente esmagado pela vergonha. No plano pessoal, como assim? Fora ele próprio a ir buscar Djrzinski, havia quinze anos, à Universidade de Orsay. A escolha revelara-se excelente:

era um investigador preciso, rigoroso, inventivo; os resultados tinham-se acumulado em número considerável. Se o CNRS lograra manter uma boa posição europeia na investigação em biologia molecular, era em grande parte a ele que o devia. Os termos do contrato tinham sido amplamente cumpridos.

— Naturalmente — terminou Desplechin —, os seus acessos informáticos serão mantidos. Vamos deixar activados os seus códigos de acesso aos resultados armazenados no servidor, e no *gateway* de Internet do centro; tudo isto por um período de tempo indeterminado. Se precisar de mais alguma coisa, estou à sua disposição.

Depois de Djerzinski ter saído, aproximou-se de novo das janelas envidraçadas. Transpirava ligeiramente. No cais fronteiro, um jovem moreno de tipo norte-africano estava a despir os calções. Continuavam a existir verdadeiros problemas em biologia fundamental. Os biólogos pensavam e agiam como se as moléculas fossem elementos materiais separados, ligados unicamente através de atracções e repulsões electromagnéticas; nenhum deles, estava Desplechin convencido, ouvira falar do paradoxo EPR, das experiências de Aspect; nenhum se dera sequer ao trabalho de se informar dos progressos realizados em física desde o princípio do século; a sua concepção do átomo continuava a ser pouco mais ou menos a de Demócrito. Acumulavam dados, pesados e repetitivos, com o único propósito de extrair deles aplicações industriais imediatas, sem alguma vez tomarem consciência de que o alicerce conceptual das suas operações estava minado. Djerzinski e ele próprio, em virtude da sua formação inicial de físicos, eram provavelmente os únicos no CNRS a darem-se conta do seguinte:

quando se abordassem realmente as bases atómicas da vida, os fundamentos da biologia actual voariam em estilhaços. Desplechin meditou sobre estas questões enquanto a tarde descia sobre o Sena. Era incapaz de imaginar os caminhos que poderia tomar a reflexão de Djerzinski; não se sentia sequer à altura de os discutir com ele. Estava a entrar na casa dos sessenta; no plano intelectual, sentia-se completamente arrumado. Os homossexuais tinham, agora, partido: o cais estava deserto. Já não conseguia lembrar-se da sua última erecção; estava à espera da trovoadas.

Fenómeno literário sem precedentes, *As partículas elementares* foi o romance que catapultou Michel Houellebecq para a fama à escala planetária.

Bruno e Michel são meios-irmãos. Foram abandonados pela mãe, que cristalizou nos anos 60, num mundo saturado de drogas e de amor livre. Bruno, o mais velho, é professor de Literatura, consumidor de pornografia, misógino, racista e promíscuo. Michel, biólogo e investigador, leva uma existência monástica, renunciou ao sexo e vive imerso na solidão do seu trabalho. A cada um deles é oferecida uma derradeira oportunidade de amor verdadeiro. A trama que se desenrola, contudo, é cáustica e imprevisível, ilustrando genialmente a crise afectiva e sexual da sociedade ocidental.

Um romance desconcertante e demolidor, que mergulha de cabeça na realidade de uma geração derrotada e descreve a doença da vida contemporânea.

INTERNATIONAL DUBLIN LITERARY AWARD

PRIX NOVEMBRE

MELHOR LIVRO DO ANO – *LIRE*



«Uma obra de arte singular – irónica, inteligente e tão perfeita e elegante como um exercício de geometria. [...] Este romance deixou rasto assim que apareceu, reputado como um sucesso escandaloso e o maior fenómeno literário em França desde Camus.»

The New York Times

«Com este livro, o autor semeia o terror entre os bem-pensantes. O escândalo e o sucesso transformam-se na sua marca distintiva. A partir daqui, Houellebecq alcançou definitivamente a fama.»




Le Figaro

«Destemido, intenso e causticamente honesto... Divertido e capaz de transformar o modo como interpretamos aquilo que acontece na nossa própria vida. Não há muitos romances capazes disto.»

Los Angeles Times



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt
  penguinlivros
 alfaguaraeditora

ISBN 9789897842108



9 789897 842108 >